

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO SUL DE MINAS – UNIS/MG
JORNALISMO
CRISLAINE APARECIDA ABREU COSTA

O CABELO NATURAL COMO UMA FERRAMENTA DE EMPODERAMENTO
FEMININO: uma análise do filme Felicidade Por Um Fio

Varginha
2018

CRISLAINE APARECIDA ABREU COSTA

**O CABELO NATURAL COMO UMA FERRAMENTA DE EMPODERAMENTO
FEMININO: uma análise do filme Felicidade Por Um Fio**

Trabalho apresentado no Curso de Comunicação Social do Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS – MG como pré-requisito para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo, sob orientação do Prof. Marco Antônio Nogueira Azze.

**Varginha
2018**

Dedico este trabalho a todas às mulheres que descobriram a dádiva da autoaceitação. Para aquelas que ainda estão no processo, desejo muita força e luz nesta intensa e feliz caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pois sem seu amor incondicional para comigo eu não teria forças para concluir mais uma etapa em minha vida. À minha mãe Doralice de Abreu Costa pelo cuidado e carinho. Ao meu pai Antônio Divino Pereira por ensinar o quanto a persistência e a humildade são pilares para a concretização de sonhos. Agradeço aos meus irmãos e outros familiares que torceram pela minha graduação. Ao meu companheiro de vida, Marco Antônio Silva Junior pela paciência e palavras de encorajamento. Registro os sinceros agradecimentos a minha querida amiga Thamires Silva, que sempre acreditou em meu potencial. Agradeço ao meu orientador Marco Antônio Nogueira Azze pela paciência e tratamento dócil em todos os anos da faculdade. E, a todos os professores que colaboraram para minha formação universitária.

“A verdade é que você tem sangue crioulo. Tem
cabelo duro, sarará crioulo.”

Sandra de Sá

RESUMO

Ainda no século XXI, estamos inseridos em uma sociedade padronizada, em que os estereótipos são comuns e os indivíduos precisam se adequar a eles. Neste cenário, um dos conceitos que ratificam essa ideia e giram em torno das mulheres, principalmente negras, é a negação do próprio cabelo ao utilizar produtos químicos. O objetivo desta pesquisa é fazer uma análise de discurso do filme recém-lançado, “Felicidade Por Um Fio” e, como através da história contada, ele pode auxiliar mulheres que ainda precisam empoderar-se e como o cabelo, através também da transição capilar, é uma das ferramentas para este processo. O estudo demonstrou que a busca pela perfeição pode trazer consequências ruins e que assumir sua identidade não é somente uma questão estética, mas é algo interno e libertador. Com isso, é preciso cada vez mais abordar este tipo de assunto para promover uma reflexão e mudanças de comportamento para uma sociedade mais humana e sem preconceitos.

Palavras-chave: Preconceito racial. Transição capilar. Empoderamento.

ABSTRACT

Still in the 21st century, we are embedded in a standardized society, where stereotypes are common and individuals need to fit in with them. In this scenario, one of the concepts that ratify this idea and revolve around women, especially black, is the denial of one's own hair when using chemicals. The objective of this research is to do a discourse analysis of the recently released film, "Nappily Ever After" and, as throughout the story told, it can help women who still need to be empowered and like hair, also through hair transition, it is one of the tools for this process. The study has shown that the pursuit of perfection can have bad consequences and that assuming its identity is not only an aesthetic question, but it is something internal and liberating. With this, it is increasingly necessary to address this type of subject to promote reflection and behavior changes for a more human society without prejudice.

Keywords: *Racial prejudice. Hair transitions. Empowerment.*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. BREVE HISTÓRICO.....	12
2.1 Escravidão no Brasil.....	12
2.2 Teoria do Branqueamento.....	13
2.3 Movimento Black Power.....	15
3. CABELO BOM x CABELO RUIM.....	17
3.1 Transição Capilar.....	18
4. MEIOS DE COMUNICAÇÃO.....	20
5. FELICIDADE POR UM FIO.....	22
5.1 Sinopse.....	22
5.2 Análise.....	22
5.2.1 Infância.....	22
5.2.2 Adulta.....	23
5.2.3 Era uma vez.....	26
5.2.4 Nova Fase.....	27
5.2.5 Mudanças Necessárias.....	30
5.2.6 Empoderada.....	31
6. CONCLUSÃO.....	33
REFERÊNCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

O cabelo é considerado por muitos um cartão de visita e é perceptível como até o formato escolhido para o uso, mesmo inconsciente, pode descrever características específicas de cada indivíduo. Para mulheres, o cabelo impecável e arrumado é quase um dever. Neste contexto, devido ao racismo estrutural existente há anos, negras se sujeitaram e ainda submetem aos alisamentos dos fios na tentativa de uma inserção positiva na sociedade, reforçando que o cabelo liso e loiro é o ideal a ser seguido e o cabelo crespo/cacheado deve ser renegado porque seu aspecto é ruim.

O tema escolhido deste trabalho se deu ao fato da autora ter vivenciado na pele desde a infância, que seu cabelo deveria ser motivo de piadas na escola; pois era apelidado de palavras pejorativas por onde passava. Para tentar mudar esta realidade, aos 11 anos, ocorreu o primeiro alisamento químico. Processo que afetava a saúde, devido ao cheiro forte, irritação nos olhos e feridas no couro cabeludo. Mas nada disso era considerado como um fator de risco, porque a principal meta era ter um cabelo que balançava com o vento, tornando mais tarde, uma grande obsessão em todos os sentidos. Em 2014, após uma frustração em um salão de cabeleireiro e o desejo de efetuar coisas simples, como por exemplo, tomar banho sem envolver o cabelo em toucas e toalhas para não atrapalhar o penteado, uma mudança surgiu com o processo de transição capilar e a realização do BigChop.

O uso do cabelo natural ainda não é visto com bons olhos por algumas pessoas. Em um episódio neste ano, a autora presenciou uma conversa entre duas mulheres no seu local de trabalho, em que o assunto era sobre cabelos cacheados e crespos. No bate-papo, as mulheres eram enfáticas ao relacionar o cabelo sem definição com feiura e desleixo. A partir desse diálogo percebeu-se a necessidade em debater assuntos que envolvem a vida do negro em todos os âmbitos, principalmente dentro do seio familiar, uma vez que, alguns comentários são baseados no trecho citado acima.

Pensando na proposta de debater e promover uma reflexão sobre o tema usando parâmetros para a compreensão do quanto o preconceito e a discriminação racial são práticas racistas, um filme lançado aborda como a protagonista negra lida com diversas situações desde a infância e como este ato é repassado por gerações considerado algo normal. O objetivo desta pesquisa é analisar a construção da história e como o enredo do filme pode auxiliar mulheres no desprendimento dos padrões estipulados, sendo o empoderamento feminino uma das ferramentas neste processo.

Para que a elaboração desta pesquisa tivesse bons resultados, foram utilizadas buscas

em livros, artigos e outros filmes sobre o assunto. No primeiro capítulo é abordado um breve conteúdo sobre o período de escravidão no Brasil, o surgimento da segregação racial entre brancos e negros com a Teoria do Branqueamento e, como um movimento, denominado Black Power foi essencial para a luta dos negros na década de 60. Em seguida, as definições de cabelo bom e ruim e o que é a transição capilar, termo bastante utilizado por mulheres negras. O quarto capítulo apresenta de forma breve, a influência dos meios de comunicação de massa na propagação de mensagens. No quinto e último capítulo é apresentada a análise de conteúdo do filme, dividida entre o uso das falas mais importantes e comentários sobre o tema proposto neste trabalho.

2 BREVE HISTÓRICO

O Brasil é um país que possui várias culturas e uma diversidade vasta. Com isso, acreditam-se que todos possuem as mesmas oportunidades e assuntos como racismo ainda são considerados como vitimização do negro perante a sociedade. Na suposição que a nação consegue possibilitar as mesmas condições a todos e que vivemos em uma democracia racial, o preconceito e a discriminação encontram seu espaço e são inseridos na sociedade como algo normal.

Quando se estuda a vida do negro é imprescindível entender o que é de fato ser negro na conjuntura atual e de onde surgiu esse racismo estrutural que ainda afetam a vida de muitos. A história do negro é de sofrimento, mas também de muita luta para exercer seu espaço e demonstrar o quanto todos devem ter respeito e empatia para uma população que só quer ter o direito de ser quem é, sem ser considerado como inferior por causa da cor da pele.

2.1 Escravidão no Brasil

Os escravos trazidos da África nos navios negreiros a partir de 1550 para o Brasil eram vendidos e muitos padeciam por causa das condições e punições dolorosas. Os que sobreviviam eram tratados como inferiores e serviam apenas como posse dos senhores para a realização do trabalho e outras vontades, confirmando ainda mais a diferença no tom de pele era um fator de grande importância. Para SOUZA (1983, p.19), a sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior.

Negros não eram considerados como seres humanos e sim, como animais que serviam apenas para alavancar a crescente economia do país. A supremacia branca tomava posse de tudo, afirmando está discriminação entre as duas populações - um pensamento que ainda se faz presente devido aos diversos ataques físicos ou verbais que negros ainda sofrem.

Além de não possuir a liberdade como outro cidadão branco qualquer, como forma de castigo, o negro também sofria modificações no próprio corpo, como por exemplo, a raspagem do cabelo. Segundo Nilma Lino Gomes, “para o africano escravizado esse ato tinha significado singular. Ele correspondia a uma mutilação, uma vez que o cabelo, para muitas etnias africanas, era considerado uma marca de identidade e dignidade” (2002, p.11). Tal ação poderia não ter relevância para os donos dos escravos naquele tempo, mas para o negro, era

uma ofensa e a negação da própria cultura, sendo assim, há a compreensão que o cabelo não é somente algo estético, mas uma afirmação da própria raça.

Com as mudanças nos outros países sobre a escravidão e pensando também nos interesses políticos, a elite brasileira se viu obrigada a adaptação ao processo, então em 1888 foi sancionada a Lei Áurea que concedia liberdade aos escravos. Mesmo após este período, negros ainda não possuíam um espaço digno perante a sociedade e não haviam nenhum tipo de orientação sobre a nova estrutura de trabalho. A oportunidade de moradia, estudo e outro tipo de ocupação que desse renda para sustentar a própria família eram negados, pois sempre viveram na condição de escravo.

Será que o fim da escravidão liquidou a dívida da sociedade e do Estado brasileiro para com a população negra? Será que, a partir da abolição, os negros se integraram à sociedade como homens e mulheres livres, com direitos iguais aos demais cidadãos brasileiros, dependendo seu sucesso unicamente de seu esforço pessoal? (BORGES, 2002, p.27)

Pensando que de fato, o país viveria em uma harmonia social e talvez mais humana com os negros, o preconceito não acabou e expandiu ainda mais. A elite não aceitava o fato de que a partir daquele momento negros seriam “livres” e possivelmente “ocupariam os mesmos espaços”. A segregação racial que já existia e era praticada, tomava cada vez mais conta da população que se intitulava como superior.

2.2 Teoria do Branqueamento

Uma outra forma de desvalorização, mesmo com a abolição, era reduzir o máximo de negros na nação, pois os mesmos eram considerados também como um empecilho para a ascensão do país. Segundo Marina de Mello e Souza:

também havia o projeto dos políticos e dos homens bem pensantes do país que sonhavam com o branqueamento da população, com a diminuição da presença negra, vista como fator que dificultava o alcance dos estágios mais avançados do desenvolvimento, conforme os padrões ocidentais. Se antes os negros eram marginalizados e perseguidos pelo estigma da escravidão e suspeita que sobre eles pairava, agora alguns motivos da marginalização se ligavam aos obstáculos que suas tradições de origem africana significariam para a evolução da sociedade. Conforme essa maneira de ver as coisas, para o

Brasil atingir o mesmo nível das nações mais desenvolvidas deveria eliminar seu lado africano e negro. (SOUZA, 2007, p.122)

Em 1911, o antropólogo e médico, João Batista Lacerda, participou de um Congresso de Raças, em Londres. Em sua tese, ele defendia que “após um século, provavelmente, a população do Brasil será representada, na maior parte, pelos indivíduos de raça branca, latina, e, ao mesmo tempo, o negro e o índio terão sem dúvida desaparecido desta parte da América” (LACERDA, 1911, apud SILVA, 2014 p. 01).

Essa suposição seria construída com o recebimento de mais imigrantes e o casamento entre negros e brancos, fazendo com que a cada nova formação de família, através das crianças, o povo se tornaria mais mestiço. “O branqueamento da população surge como resposta aos problemas brasileiros tanto no que diz respeito à mudança do sistema econômico no tocante à mão de obra, quanto à constituição de uma nação, ou, um povo capaz de alcançar a modernização.” (SANTOS, 2009, p.176).

A hipótese então se espalhou pela nação brasileira negra e para ser tratado com “igualdade”, ser branco era algo positivo, pois trariam alguma forma de dignidade e de ser tratado como gente e não um animal. Sendo assim, o negro foi obrigado a renegar cada vez mais a sua origem e se moldar no que era concebido como o mais belo e correto.

[...] o cidadão era o branco, os serviços respeitáveis eram os “brancos”, ser bem tratado era ser tratado como branco. Foi com a disposição básica de ser gente que o negro organizou-se para a ascensão, o que equivale dizer: foi com a principal determinação de assemelhar-se ao branco – ainda que tendo que deixar de ser negro – que o negro buscou, via ascensão social, tornar-se gente. (SOUZA, 1983, p. 21)

Apesar da incansável luta da elite, a mestiçagem tomou conta do país e era considerado até o início do século XX, um declínio no processo de possuir uma única raça. Com o decorrer do tempo, os aspectos culturais sobressaíram aos biológicos, e devido as novas formas de governo e a lutaram para encontrar uma nova visão social ou até mesmo mais humanizada, os mestiços foram, ainda que lentamente, considerados como pertença a identidade cultural brasileira.

Segundo SOUZA (2007, p. 130), o que antes nos envergonhava, ou seja, a presença de populações não europeias na formação do povo brasileiro, passou a ser valorizado como uma marca distintiva, algo que nos fazia diferente dos outros povos e nos unia internamente.

Mesmo com a suposição de que a mestiçagem seria algo inovador e belo, ainda de acordo com a mesma autora, alguns pontos encontravam divergências, reforçando questões negativas para aceitação da raça. “A valorização da mestiçagem cultural, no entanto, quase nunca veio acompanhada da valorização da mestiçagem física.” (SOUZA, 2007, p.130).

Para Rosângela Malachias (2007) os traços estéticos de cada ser humano ainda colaboram na disseminação do padrão de beleza. É através dele que distinguimos tal conceito:

as características fenótipos, como a espessura dos lábios, o formato do nariz e a textura capilar, nessa mentalidade brasileira cristalizada, tornam-se marcas relevantes para a classificação das pessoas consideradas bonitas ou feias. Assim, quem possui “características caucasianas” – pele branca, nariz afilado, lábios finos, cabelo liso – entra na categoria das pessoas bonitas e quem possui “características negroides” (nariz largo, cabelo canudo e ou/crespo, lábios grossos) seria despojado de uma categorização positiva, não sendo considerado belo. (MALACHIAS, 2007, p. 33)

2.3 Movimento Black Power

Antes de abordar o próximo capítulo e trazer conteúdos para atualidade é preciso compreender também que os negros escravizados da África também eram retratados como subalternos em outros países e eram privados de muitas atribuições necessárias, como por exemplo, o caso dos afroamericanos.

No início dos anos 60, nos Estados Unidos, a população negra ainda não disfrutava dos mesmos direitos que a população branca usurpava e isto também afetavam diretamente na composição da autoestima de muitos, já que não eram privados de assumirem sua própria identidade. A partir desse ano, essa realidade começou a ser modificada através das manifestações dos negros contra o regime que segregava e discriminava. Essa luta demonstrava o despertar do negro naquela nação.

Através de Martin Luther King, Malcon X e outros líderes, negros tiveram direitos civis como qualquer outro ser humano. Deste ato, surgiu o movimento *Black Power*, que de acordo com Vaughan era mais que um movimento político, era um termo que expressava o desejo do povo negro de ter o poder dos seus direitos como cidadãos americanos. (VAUGHAN, 2000, p.60).

Com o movimento que de fato possibilitava essa igualdade, muitos negros reconstruíram seus valores culturais e entenderam que não haviam também nada de errado

com sua aparência física. Uma nova forma de exercer essa descoberta, demonstrá-la como triunfo e elevar a autoestima reprimida há anos, assumiram o cabelo natural, denominado com um novo slogan, "*BlackisBeatiful*". Então para isso, exibiam essa afirmação como resistência as opressões que os silenciavam e o orgulho da própria raça.

Durante os anos 1960, os negros que trabalhavam ativamente para criticar, desafiar e alterar o racismo branco sinalizavam a obsessão dos negros com os cabelos liso como um reflexo da mentalidade colonizada. Foi nesse momento em que os penteados afro, principalmente o black, entraram na moda como símbolo de resistência cultural à opressão racista e foram considerados uma celebração da condição de negros(a). Os penteados naturais eram associados à militância política. Muitos (as) jovens negros (as), quando pararam de alisar o cabelo, perceberam o valor político atribuído ao cabelo alisado como sinal de reverência e conformidade frente às expectativas da sociedade. Há nesse período histórico, um importante momento de exaltação do cabelo crespo negro. (HOOKS, 2005, p.2)

Por mais que o movimento tenha sido um marco na história dos negros no Estados Unidos, porém, a sociedade americana não caminhou juntamente com a população negra e muitos, da própria raça, na questão estética, voltaram a fazer parte do padrão. Segundo BellaHooks, “quando as lutas de libertação negra não conduziram à mudança revolucionária na sociedade, não se deu mais tanta atenção à relação política entre a aparência e a cumplicidade com o segregacionismo branco, e aqueles que outrora ostentavam os seus blacks começaram a alisar o cabelo.” (HOOKS, 2005, p.3).

3 CABELO BOM x CABELO RUIM

Os conceitos sobre o que é cabelo bom e ruim ainda se faz presente e esta concepção está ligada diretamente à pontos negativos ou positivos, pois estão enraizados no consciente coletivo. Parte desse juízo são definições pré-concebidas que são repassadas ainda na infância e são reforçadas através das telas de TV, cinema, revistas, jornais e alguns tipos de conteúdos abordados que as redes sociais propagam.

A mulher branca, magra e de cabelo liso, ainda é considerada como um modelo que qualquer mulher deva alcançar para alcançar a satisfação pessoal e física. Mas como o Brasil é um país em que há tantas culturas e diversidade, estipular somente um modelo a ser conquistado a todo custo faz com que pilares preconceituosos sejam construídos - fato que deveria ser descartado, já que a população negra, considerada como minoria, é a maior população atualmente. Segundo MALACHIAS, a negação de outros padrões de beleza transformou o cabelo liso em referencial máxima de beleza – e isto não é aceitável porque não corresponde à realidade, pois a diversidade étnica propicia diferentes estilos de beleza. (2007, p.39).

Com isso, mulheres negras se submetem ao molde, se sabotam por anos com produtos químicos, idas ao salão de beleza e gastos extravagantes. Fazendo isso, negam suas características e identidade e, tomam como exemplo unicamente a mulher branca, tornando escravas do próprio cabelo sem perceberem que esta prática faz parte do sistema que atua como preconceituoso, conforme afirma Sayara de Brito Félix:

É através desses conceitos de beleza, que cabelo “bom” é o cabelo liso; os indivíduos cedem a essa manipulação na tentativa de emoldurar no perfil ditado pela sociedade como o ideal, utilizando vários meios para essa moldura, como chapinha, relaxamentos, alisamentos, entre outros processos de modificação do fio capilar. (FELIX, 2010, p.6)

Mas no decorrer dos últimos 5 anos, uma corrente de aceitação vem sendo usada por muitas mulheres negras no Brasil. Marcas que antes só tratavam do cabelo liso ou alisado optaram por produzir produtos para cabelos cacheados e crespos. A internet, que pode ser usada em casos de reforços de qualquer tipo de padrão, atuam como fonte de informações para o novo uso do cabelo.

O interesse por cabelos afro cresceu nada menos que 309% nos últimos dois anos [...] a busca por cabelos cacheados cresceu 232% no último ano, ultrapassando pela primeira vez a busca por cabelos lisos. [...] as buscas pela transição capilar cresceram 55% nos últimos dois anos. (O GLOBO, 2017)

3.1 Transição Capilar

A transição capilar é um momento em que mulheres optam por desistir de usar produtos químicos que alisam o cabelo para retornarem aos fios na composição natural, sendo crespos ou cacheados. É considerado o primeiro passo para aceitação e reencontro com a identidade original.

Esta etapa é um período de muito cuidado e amor-próprio, pois é preciso ter muita calma e paciência consigo mesmo e com outros que estão ao redor porque comentários podem ser usados como uma forma de denegrir a imagem que está sendo reconstruída. Não usando química, secador ou chapinha, o cabelo apresenta duas texturas, fazendo com que a raiz cresça e a outra parte fique alisada.

Para vivenciar essa fase – que é um processo demorado, pois o cabelo precisa se reestruturar -, a transição pode ser feita em ciclos. Um deles é realizar o BigChop, que é o corte total da parte química do cabelo que ainda está alisado e isso pode ser feito já nos primeiros meses em que a raiz resolve aparecer, sendo assim, os cabelos ficam curtíssimos.

Outra forma é ir cortando os fios periodicamente. Essa também é uma decisão que requer cuidados, pois nesses casos, muitas mulheres escolhem usar algum tipo de equipamento para disfarçar as duas texturas, fazendo com que processo de crescimento demore ainda mais, pois o cabelo não absorve os nutrientes necessários.

A última maneira é também o uso das tranças sintéticas. Essa é uma boa opção para quem realizou o corte total e ainda não se adequou ao novo visual. Então o uso desse novo penteado também é uma forma de demonstrar vários estilos e usar várias cores, além de proteger os cabelos para que não haja nenhum tipo de estrago.

O cabelo crespo ou cacheado também requer cuidados como qualquer outro. Para isso, existe também o cronograma capilar, que são ações feitas durante todos os dias para repor algum tipo de vitamina que falta nos cabelos e auxiliam também na evolução dos fios.

O crescimento é um fator de cada textura do cabelo e pode ser demorado, ainda mais que alguns tipos sofrem com o fator de encolhimento, devido aos fios serem “mais colados”

na cabeça. Com isso, é possível notar várias composições em um cabelo só, como por exemplo, algumas partes são onduladas ou cacheadas e/ou cacheadas e crespas.

Quando o cabelo está 100% natural é preciso passar novamente por um processo de aceitação, pois muitas mulheres negras também não gostam da sua real textura e tentam modificá-las para o cabelo cacheado, fazendo com que caíam mais uma vez em outra forma de padronização e insatisfação com a identidade própria.

4 MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Os meios de comunicação de massa têm o principal objetivo em transmitir mensagens para receptores, sejam elas notícias, entretenimento, propagandas etc. Todos os dias, milhares de pessoas são bombardeadas com esses tipos de conteúdo e com a interferência da Indústria Cultural, os meios ganham forças ao determinar o que cada pessoa deve fazer, como por exemplo, o que comer ou vestir.

Os padrões de comportamento causam uma hierarquia entre as culturas e incitam cada vez mais o consumo excessivo. Maria Immacolata Lopes, em seu livro *Pesquisa em Comunicação*, explica como este processo afeta a vida das pessoas:

A pressão que se generaliza por oportunidades de ganhar vida, adequadas à efetivação do consumo potencial ou aspirado (emprego e salário), põe o sistema permanentemente em crise, pois revela o estado de um profundo desequilíbrio entre a produção e as necessidades de consumo nas sociedades capitalistas periféricas como a brasileira.” (LOPES, 2012, p.22)

Os Meios de Comunicação de Massa também contribuem para que culturas internacionais estejam cada vez mais presentes e é notável o quanto as pessoas estão consumindo mais entretenimento com a falsa sensação de prazer, sem perceberem que a alienação está presente, já que não é ensinados questionamentos e sim, conformismo. Os problemas sociais também se tornam um prato cheio para a manipulação reforçando essa incansável busca pelo padrão imposto.

A fraqueza das instituições socializadoras tradicionais (família, escola) aliada à crescente retificação da cultura capitalista torna a Indústria Cultural o principal aparelho ideológico da sociedade contemporânea. Suas funções centrais são obter o consenso para manter a reprodução da força de trabalho; impor as ideias do status quo numa permanente exortação ao conformismo; e impedir que se atinja a emancipação "para a qual os próprios homens estariam tão maduros quanto as forças produtivas da época o permitiriam".” (LOPES, 2012, p. 60)

É possível considerar que os meios de comunicação influenciam até na propagação do racismo, pois muitas crianças e jovens se espelham no que é transmitido ou repassado pela

cultura de massa. Seguir esse padrão muitas vezes consiste na anulação do próprio indivíduo e contribuem também para o silenciamento do negro.

O cinema também atua como um meio de comunicação e para BARROS (2014, p.25) um filme, pode se apresentar como um projeto para agir sobre a sociedade, para formar opinião, para iludir ou denunciar.

Para o mesmo autor, as produções cinematográficas também agregam valores economicamente através do mercado publicitário. O cinema,então, mostra-se como poderoso instrumento de difusão ideológica, ou mesmo como arma imprescindível no seio de um bem articulado sistema de propaganda e marketing (BARROS, 2014, p.16).

Então será que o cinema consegue promover uma mudança ao tentar retratar a realidade, não visando somente o lucro? É o que se espera de alguns gêneros que podem propagar transformações positivas na sociedade.

5 FELICIDADE POR UM FIO

5.1 Sinopse

O filme *NappilyEverAfter*, traduzido para o Brasil como *Felicidade Por Um Fio*, teve sua estreia no dia 21 de setembro de 2018. Intitulado no gênero comédia romântica, com duração de 96 minutos, é dirigido por Haifaa Al Mansour e estrelado por Sanaa Lathan.

No filme, Violet Jones é uma publicitária de uma grande empresa e possui uma vida totalmente perfeita, incluindo um namorado médico e um cabelo alisado impecável. A vida da personagem sofre uma reviravolta quando pensa que será pedida em casamento, mas ao invés de receber um anel de noivado, o presente é um cachorro de estimação. Após essa decepção, a protagonista passa por situações que contribuem para a busca da própria aceitação.

5.2 Análise

5.2.1 Infância

O filme começa com Violet tendo uma lembrança de sua infância, em 1993, em que ela e seus pais estão em um clube aquático. A garota presta atenção em tudo que há ao seu redor e a vontade de pular na piscina é grande. Então ela narra um pouco da sua vida, enquanto criança:

“Como a maioria das mães negras, a minha era consumida pela apresentação de sua filha. Eu era um reflexo dela como mãe. Ela era uma fonte sempre presente de ansiedade para me certificar que eu estivesse tão bem preparada como qualquer outra criança branca. Elas brincavam com o cabelo despenteado, descalças, vestígios de tudo que tinham comido ou manchas em seus rostos. Completamente felizes e indiferentes a qualquer possível defeito em sua aparência. Eu, por outro lado, tinha que ser consertada.”

É notável que Violet era uma criança totalmente privada de ser e fazer coisas de crianças. Nesta idade, ela já precisava ser igual ou melhor que uma criança branca para não sofrer as pressões da sociedade. Na mesma cena, também é mostrado como a mãe de Violet alisava seu cabelo. O cabelisador ou mais conhecido como pente quente, possui uma haste de

metal e foi construído por Marcel Grateu, em 1872, para ondular o cabelo das mulheres francesas. As hastes eram aquecidas no fogão e depois utilizada nos fios para alisar o cabelo. A criança reclama com a mãe que o objeto queimava o couro cabeludo enquanto segurava uma boneca branca de cabelo liso e loiro e, recebe a resposta de que homens não gostam de mulheres que lamentam.

Quando a protagonista, na sua inocência, pula na piscina e disputa uma competição de quem respira mais com outro garoto, este imediatamente com outras meninas da sua idade, começam a rir e zombar dela porque o cabelo alisado volta ao natural. O bullying também é um tema que precisa ser discutido, pois é através dele que muitas crianças carregam grandes traumas. A ONU, em janeiro de 2017, realizou uma pesquisa com 100 milhões de crianças e jovens de 18 países. O relatório comprovou que metades dessas crianças haviam sofrido este ataque. Entre os principais dados levantados, os mais ditos foram por causa da aparência física, gênero, orientação sexual, etnia ou país de origem. A cena termina com a narração de Violet, enquanto sua mãe a tirava da piscina e a colocava no carro para ir embora:

“Para minha mãe, a aparência era tudo. Sempre tínhamos que estar perfeitamente arrumadas porque nenhum conto de fadas nunca terminou com as palavras: *pixaim para sempre*.”

Quando a personagem diz: “*pixaim para sempre*”, podemos compreender que há uma analogia ao final das histórias dos contos de fadas, quando dizem: felizes para sempre. Normalmente essa frase é atribuída quando as princesas se casam com os príncipes encantados. Um ponto a ser levantando é que pela quantidade de desenhos infantis, principalmente os mais conhecidos, ainda é difícil encontrar personagens, sejam eles protagonistas ou não, negros. Fato que ainda se aplica as telenovelas, filmes, campanhas publicitárias e telejornais. A presença de negros nesses espaços, pelo menos no Brasil, ainda é mínima, considerando que a maior população do país é negra. Outra visão é que o cabelo natural, sendo crespo ou cacheado, não traria tamanha felicidade ou sorte ao encontrar um parceiro.

5.2.2 Adulta

Na fase adulta, a personagem principal está em um relacionamento sério com um homem negro. Sua fixação pela beleza é tanta que em uma das cenas ela acorda mais cedo

para se para se maquiar e sua mãe, às cinco da manhã, aparece em sua casa para arrumar o seu cabelo usando uma chapinha. É notável que a personagem depende totalmente de sua mãe, não só nesta cena, mas em várias no decorrer do filme.

Quando o namorado da protagonista acorda e a vê, o mesmo fica encantando porque pensa que ela acordou daquela forma. Então, como numa rotina de casal, os dois têm uma relação sexual, mas Violet possui tanto medo de atrapalhar o cabelo que não deixa seu parceiro tocar nele. Trazendo para a realidade, percebemos que hoje diversos programas de edição de imagens se associam nesta busca pela perfeição e que as redes sociais, como por exemplo, Facebook e Instagram, contribuem nesta propagação. Outro fator a ser apontado é sobre uma pesquisa realizada neste ano pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plásticas. O estudo relatou que o Brasil é o campeão nas cirurgias plásticas realizadas nos jovens. Cerca de 90 mil já passaram por qualquer tipo de procedimento cirúrgico estético.

Outro fato constrangedor que acontece com a personagem na mesma cena é que ela se contorce para abrir a porta do forno do fogão para que o vapor não interfira no cabelo alisado. Sem perceber, Violet está se privando de realizar coisas simples, pois vive em função de não atrapalhar o cabelo.

Já na empresa em que trabalha, a protagonista apresenta seu projeto para uma campanha publicitária sobre a venda de um batom. A modelo usada é branca, magra, loira e de cabelo liso e o homem da possível conquista é da mesma fisionomia. Estes tipos de personagens evidenciam ainda mais os estereótipos que há na sociedade e pode ser relatado na frase da colega de trabalho: *“Se eu não tiver lábios grandes, um cara desse tipo não vai olhar pra mim?”* Isso mostra o papel influenciador dos meios de comunicação e o quanto esse reflexo pode limitar a vida de alguém que não está neste padrão.

Ao sair do trabalho - depois de verificar incansavelmente com sua assistente que o dia seria ensolarado e que o passeio em uma área não coberta poderia ser feito -, a personagem não consegue relaxar, pois uma das nuvens está cinzenta e isso faz com que ela interrompa várias vezes a conversa com as amigas questionando se não poderia chover a qualquer momento. Com a preocupação pairando ao redor, Violet resolve ir embora e no momento em que iria entrar no carro, duas crianças a surpreendem com uma mangueira e a molha. A protagonista se desespera tanto pelo fato do cabelo estar cacheado que a primeira reação é a histeria. Logo em seguida, medo. Medo porque poderia ser o dia do possível pedido de casamento e o fato do cabelo estar daquela maneira viria juntamente com a rejeição que o parceiro teria. Então como uma maneira de confortar Violet, sua amiga diz:

“Ele não quer casar com você pelo seu cabelo. Ele te ama como você é. Seu marido sabe como é seu cabelo? Porque eu tenho fotos dele cacheado quando estávamos na faculdade – responde Violet.”

A outra amiga que possui o cabelo cacheado consegue um salão próximo do local em que elas estão, mas avisa que por não ter um horário marcado, o valor pago seria alto. A personagem não se importa com o dinheiro e vai para ao endereço. No salão, enquanto espera para ser atendida, Violet escuta um diálogo entre o cabeleireiro e uma cliente que realizou o BigChop e está totalmente com o semblante triste. Ela acusa o profissional: *“Você me convenceu. Isso é culpa sua”*. Ele responde: *“Minha culpa? Quer me culpar por te deixar linda?”* Ela rebate: *“Os homens gostam de cabelos cumpridos.”* E ele finaliza: *“O que os homens querem é uma mulher real.”* Violet revira os olhos e é observada por outra personagem. A filha de 10 anos do cabeleireiro, Zoe.

Nas falas acima percebemos dois pontos. O primeiro é que na visão das personagens, ter o cabelo natural significa ser menos e isso contribui com a perda do prestígio social. Em paralelo, reforça outro padrão estético usado por homens na preferência do cabelo comprido e a não concordância em ter uma pessoa semelhante a ele por causa do corte, confirmando ainda o sistema patriarcal.

A segunda parte que merece ser analisada é que após o BigChop e o processo de crescimento ser lento, algumas mulheres acreditam que a beleza está corrompida, pois o cabelo já tirou seus “privilégios” e o preconceito que pode ser atribuído também a curvatura do cabelo contribuem para uma autoestima mais baixa, ainda mais quando não há o apoio familiar e dos amigos.

Zoe questiona Violet e a confronta dizendo que poderia alimentar várias crianças com o dinheiro gasto com o cabelo. A menina negra e de cabelo crespo sai do local e a personagem principal a agride com as palavras: *“Minha mãe me daria uma surra por falar tanto e deixar o cabelo bagunçado assim. Parece que tem uma vassoura na cabeça”*.

Uma das atitudes que o oprimido tem é ser opressor com alguém que lembra o que de fato ele é. Neste caso, Zoe representa a Violet tudo que ela quer negar em si próprio ou o que sua mãe considerava errado, então atacar alguém com palavras maldosas mostra o quanto a personagem sente raiva por uma menina poder usar o cabelo do jeito que ela quer, o que Violet não poderia fazer quando criança e mesmo adulta, ainda não tem coragem.

5.2.3 Era uma vez

No aniversário de Violet, sua tia diz estar surpresa por sua mãe ainda cuidar do seu cabelo e que ela tinha sorte, já que a avó odiava fazer o cabelo da mãe e a mandava sair com o cabelo crespo, gerando assim vários comentários maldosos e comparações com um artilheiro de futebol americano que usava o cabelo natural.

Enquanto festeja, seu namorado relata como é conviver com uma mulher perfeita e lhe dá um presente. Quando Violet abre a caixa e vê um cachorro de estimação, sua feição de felicidade só é mostrada exteriormente, já que o pensamento está no porque de não ter sido pedida em casamento. Em casa, os dois iniciam uma breve discussão que resulta no fim do relacionamento, porém o namorado diz:

“sei que você é linda, inteligente, veste bem, sabe se portar e sempre diz a coisa certa, mas nunca consegue relaxar. Se vamos a uma festa, você não dança, não bebe, não se diverte. Nunca fomos aquele tipo de casal bobos. Você nunca se arrisca porque tem que ser perfeita. Mas perfeição a todo momento é como estar no primeiro encontro há dois anos.”

Nas palavras ditas pelo companheiro de Violet percebe-se o quanto muitas mulheres se anulam para demonstrar ao parceiro o quanto são perfeitas. No caso da personagem, o que fortalece essa conduta também está ligado ao modo como sua mãe a criou. Seu cabelo, o corpo, vestimentas precisavam sempre estar impecáveis para conseguir qualquer coisa que almejava.

Determinada a mudar o estilo, Violet corta o cabelo, mas ainda o mantém liso, porém, com a coloração loira. Ela e suas amigas saem para uma balada e a protagonista conhece um rapaz que a leva pra casa dele. Já no local, ele diz: *“Seu cabelo me disse um pouco sobre você. Você não tem medo de nada e gosta de se arriscar. Você é selvagem, não é?”*

Outro fator que incomoda mulheres, principalmente negras, é o quanto está embutido nos pensamentos dos homens o estereótipo que elas são extremamente sensuais por causa da cor da pele e isso, infelizmente, veio do período escravocrata, em que escravas não eram donas de seus corpos e serviam apenas para o prazer dos senhores.

Após uma confusão em que o homem tem um corte superficial na testa, Violet resolve ir embora e está completamente bêbada. Ela pega um táxi e vai ao hospital que o ex namorado trabalha para se declarar, mas ele já está conhecendo outra pessoa. A personagem vai para

casa, junta todos os pertences de Clint em uma caixa e continua a beber. Ao se olhar no espelho, percebe que seu cabelo alisado está natural e em uma tentativa falha, tenta penteá-lo. Ao olhar para o lado, nota-se que esqueceu de guardar a máquina de cortar cabelo do ex companheiro. Ela segura em sua mão e após ter uma luta interna, resolve passar em seu cabelo. A cena mostra o quanto Violet está vulnerável, pois ao mesmo tempo que chora, sorri ao ver sua cabeça com tão poucos fios.

No dia seguinte, quando acorda e vai até o espelho, a personagem não acredita no que fez e no momento em que tenta digerir o ocorrido, sua mãe vai até a sua casa e quando percebe o que a filha fez no cabelo, desmaia. Preocupada, Violet pede ajuda ao pai, que as socorrem.

Quando ele volta do quarto em que a esposa está, relata que a mãe pensa que a personagem é lésbica. Enquanto ele a elogia pelo novo corte, Violet desabafa: *Eu trabalhei tanto para ser tudo que ele queria e ainda não foi o bastante. Estou cansada!* Seu pai diz: *É claro que está cansada, querida! Olhe, você acha que isso é algo que fez por impulso? Isso iria acabar acontecendo. Você irá ficar bem, só precisa ser forte. E olhe só, você tem uma linda cabeça.*

Neste pequeno diálogo há duas questões em debate. Mulheres que optam por usar o cabelo curto são consideradas muitas vezes na primeira impressão como lésbicas, pois se parecem com um homem ou com mulheres que gostam do mesmo sexo apenas por causa de um corte de cabelo. Outro fator interessante é que quando a personagem diz estar cansada, ela não só remete ao físico, mas as pressões que a cercaram a vida toda. Algumas mulheres que realizam o BigChop sozinha ou com a ajuda de um profissional declaram ter cortado o cabelo como uma forma de se reconhecerem, pois estavam tão inseridas num sistema padronizado, que o cansaço mental de ser alguém que não é, as consumiam em todos os aspectos da vida.

A partir do novo visual, as roupas de Violet mudam e não são mais tão alegres ou estilosas. O uso de lenços na cabeça faz com que participe enganada de um encontro em que mulheres relatam suas batalhas contra o câncer. A personagem fica envergonhada, mas a coordenadora do grupo diz que quanto mais ela andasse daquela forma, mais seria ignorada ou confundida com uma paciente. Ela precisava assumir seu novo corte e lidar com ele. Então desde esse dia, Violet se arruma mais e começa a se sentir confortável com o cabelo.

5.2.4 Nova fase

Violet e Zoe se tornam amigas e com isso, ela passa a frequentar mais a casa do

cabeleireiro. Em um diálogo eles falam sobre o uso do cabelo natural:

“A maioria das mulheres dizem que relaxam os cabelos porque é mais fácil de cuidar, mas qualquer cabelo é fácil de cuidar, desde que seja com os produtos certos. Nós formamos 12% da população, mas compramos 70% das perucas. A conclusão é que odiamos nossos cabelos.

Nesta alocução, o cabeleireiro consegue relatar a um dos discursos dados por mulheres negras que ainda não assumiram o cabelo ou por pessoas que perguntam às que já usam o natural. O cabelo cacheado/crespo requer cuidados como qualquer outro, não existe uma fórmula mágica que faça ele acordar sempre bonito, pois a cada dia ele está de um jeito. Para quem o alisa, aplica-se a mesma situação, mesmo que seja em períodos curtos, mas ainda há a utilização de produtos químicos ou o uso da chapinha.

Quando ele também cita a questão das perucas, Hooks também relatava a mesma situação após o movimento BlackisBeautiful e isso só confirma que este parâmetro continua sendo utilizado no país de fora:

As empresas brancas começaram a reconhecer os negros, e de maneira especialíssima, às mulheres negras, como consumidoras potenciais de produtos que poderiam ser subministrados, incluindo aqueles para os cuidados com o cabelo. Permanentes especialmente concebidos para as mulheres negras eliminaram a necessidade do pente quente e da chapinha. Esses permanentes não só custavam mais caro, mas também levavam todas as economias e ganâncias das comunidades negras. (HOOKS, 2005, p.3)

O cabeleireiro volta a fazer uma crítica sobre alguns propagadores de mensagens: *“Tento mudar uma cabeça por vez, começando por essa aqui (apontando para Zoe). Digo todos os dias o quanto ela é linda, mas é uma luta contra a tv, comerciais e revistas que dizem que o cabelo liso é o que te deixa linda.”* Violet exercendo seu papel de publicitária responde: *Eu faço alguns desses comerciais e a culpa não é nossa. É o reflexo da sociedade.* O profissional rebate: *Qualquer um pode refletir a sociedade. Que tal refletir sobre como poderia ser?* Violet tenta argumentar: *Tenho que agradar meus clientes, assim como você. Não criei a regra, só as obedeco.*

Os dois vão ao parque e começam um relacionamento que faz bem à ambos. Em um almoço realizado pela mãe de Violet, a personagem decide apresentá-lo a ela. Mas quando a mesma descobre que ele possui um salão e não gosta da profissão dele, ela apresenta um

advogado para a filha durante a confraternização. O cabeleireiro se sente humilhado e termina com Violet.

Está cena retrata outro tipo de discriminação que o negro sofre, ainda dentro da família, com a aceitação dos parceiros. Em um livro chamado Tornar-se Negro, a autora relata vários comentários feitos por mães e avós sobre mulheres que optam por um parceiro negro. Se ele não tem uma boa condição financeira, certamente será um dos desafios a serem enfrentados como casal, além de escutar conversas preconceituosas de pessoas que são da mesma etnia.

"Minha avó, ela diz que quer se casar de novo. 'Casar com um francês pra clarear a família'. Quando a gente (as netas) está namorando, ela pergunta se é preto ou branco. Diz que tem que clarear a família. O clarear não é só a questão da pele, porque o negro é símbolo de miséria, de fome. De repente, clarear é também a ascensão econômica e social. Se for um cara negro que tenha condição econômica e social boa, tudo bem. Tem um lance de cor, mas no sentido de que a cor (preta), lembra miséria. O preto (para ser aceito como possível integrante da família) tem que ter curso superior. Se for um branco, não precisa." (SOUZA, 1983, p.36)

Pensando em mudar o formato de produzir suas campanhas publicitárias, Violet resolve apresentar um comercial de cerveja, estrelado por personagens comuns e reais, mas sua proposta não é aprovada, pois seu chefe considera que realizar uma campanha dessa forma não traria um retorno financeiro. Então, Violet se demite.

Ao chegar em casa, liga o rádio com um som bem alto e dança demonstrando sua felicidade. Neste momento, Clint que retirava suas coisas do apartamento da personagem aparece e não reconhece a mulher com quem conviveu há dois anos, pois ela está mais natural e leve. Os dois reatam e numa tentativa de cometer os mesmos vícios, Violet levanta mais cedo para se maquiar, mas ao se olhar no espelho, desiste e inicia uma nova conversa com o namorado: *“Ganhei muito tempo não tendo que pensar no meu cabelo. Era como se ele fosse um segundo emprego e tem sido bom ele assim.”* Clint pergunta: *“Então quer dizer que não irá deixá-lo crescer?”* E Violet responde: *“Não gosto de ser ignorada, mas isso me forçou a abrir mão da minha vaidade e focar em outras partes em mim.”*

Muitas mulheres negras, assim como Violet, encaram o uso do cabelo alisado como uma das coisas mais importantes da vida. É por isso que gastam tempo e dinheiro para mantê-lo em ordem. O que futuramente pode ser considerado como uma obsessão que deve ser

seguida a todo custo, sem importar com coisas que realmente importam, como por exemplo, a própria saúde ou momentos de lazer que todos merecem.

Clint pede Violet em casamento e os dois organizam os preparativos para o pedido oficial para ambas famílias.

5.2.5 Mudanças necessárias

No dia do noivado, é possível perceber que Violet está mais uma vez lutando para manter em ordem a nova mulher que se tornou. Enquanto ela e o namorado se arrumam, ele pede que ela alise o cabelo e que isso não é um grande pedido, já que as mulheres acostumam a mudar de cabelos sempre, mas só queria que a noite fosse perfeita. Então Violet pede a sua mãe que a ajude no alisamento do cabelo curto, mas sua expressão é tomada pelo desânimo quando se olha no espelho.

Nesta cena é nítido o poder de persuasão que o homem possui na vida da mulher. Quando tiveram a primeira e última discussão, Clint disse que queria uma mulher que não fosse perfeita a todo instante. Naquela nova concepção de vida, Violet havia se tornado uma mulher real, mas ainda não era bastante, já que se fosse para manter um relacionamento com ele, deveria novamente se emoldurar em outros tipos de padrões. E o cabelo natural e curto, era algo que incomodava o parceiro, mesmo ele não dizendo tão claramente.

Na festa, a mãe de Violet implica com o cabelo de Zoe dizendo que ele é incomum. Ela reforça a fala do cabeleireiro quando disse a maioria da população negra usavam perucas ao invés do cabelo natural. A resposta de Zoe pega a mãe de Violet totalmente de surpresa: *"Incomum significa bom? Porque eu estou linda!"*

Em determinado momento, o sapato de Violet começa a machucá-la. Então ela procura um cômodo para descansar os pés e fica no local até anoitecer. Seus pais e Clint finalmente a encontram e a personagem está totalmente imersa em seus pensamentos. Um diálogo começa e talvez essa seja uma das cenas mais impactante mostrado no filme:

"Não consigo colocar os sapatos. Não aguento mais um minuto. Mas se não colocar, não estarei perfeita. Então, estou aqui. Não é triste? A Zoe sairia descalça. 10 anos e já tem coragem de ser quem ela é. Eu não tenho."

Mãe: *Violet, pare de drama! Os convidados estão esperando.*

Violet: *Tudo bem pra você se eu sair de qualquer jeito?*

Mãe: *O que quer dizer?*

Violet: *Quando tinha 10 anos, fomos em um piquenique da empresa do papai. Eu*

pulei na piscina, lembra? Meu cabelo enrolou e as crianças riram de mim. Você me tirou da piscina, me colocou no carro e fomos embora.

Mãe: *E daí?*

Violet: *Me pergunto quem eu seria hoje se você só me abraçasse e dissesse que ainda estava linda.*

Mãe: *Mas você não estaria casando com o Clint.*

Violet: *Isso mesmo. Você me ensinou a ser a mulher que os homens querem, mas não quem eu quero ser.*

Mais uma vez é notável que falar sobre este tipo de assuntos com crianças é essencial. No caso de Violet, o modo como sua mãe lidou e acostumou com este tipo de silenciamento contra os negros na sociedade trouxe grandes traumas, pois a sua vida foi construída baseada em ser uma mulher negra com atitudes brancas e ser do jeito que um homem gostaria. Já em outra perspectiva, Zoe consegue perceber o quanto está linda sendo natural. E apesar da luta de pai ser constante, as falas sobre como ser negra é linda para a filha causam efeitos positivos quando ela busca ser apenas uma criança e se aceita com o cabelo natural.

Após dizer essas palavras a mãe, Violet corre até a piscina e pula, dando um belo mergulho. Algumas pessoas que estavam ao seu redor fazem o mesmo e isso até inclui uma de suas tias que diz à amiga: *“Não entro em uma piscina há 50 anos”* e se diverte, mesmo com o cabelo cacheado.

Neste momento Violet rompe com todas as pressões que viveu através de sua mãe, do namorado e do mundo. Ela encerra um ciclo que tanto a machucava no passado e começa a andar com suas próprias pernas. A mãe da personagem não pode ser considerada como uma vilã na história da própria filha, ela só é mais uma vítima de uma sociedade que tenta a todo custo silenciar o negro ou usar parâmetros para que o próprio negro se torne “branco”. Este é um retrato de muitas famílias negras que permitem essas ações e repassam essa opressão em diante, mantendo essa reprodução discriminatória por gerações, até que alguém quebre esse sistema e perceba o quanto ser negro é ser belo.

5.2.6 Empoderada

O processo de empoderamento de Violet começa quando ela corta o cabelo e fica careca, mas ainda está apegada as questões internas que não é nítido que ao fazer tal ação, está numa caminhada para descobrir quem realmente é e futuramente ajudar outras mulheres que passaram pela mesma situação.

Então, para isso, um dos primeiros passos é mudar o jeito que com se trabalha e isso é nítido quando ela e o Will apresentam uma nova campanha para que mulheres mudem o tipo de pensamento que foram ensinados há anos sobre os cabelos e que usá-lo natural é algo inútil para aceitação.

Violet, mesmo sem citar diretamente, exerce a primeira fase do empoderamento, que é quando ele começa de forma individual e a personagem toma consciência de quem realmente é e qual realidade está inserida. A feminista Joice Berth, em seu livro *O que é empoderamento* relata que este poder é:

“uma condução articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, principalmente, um entendimento sobre sua condição social e política, e por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor.”
(BERTH, 2018, p.4)

O uso do cabelo natural não é uma regra a ser exatamente seguida por todas as mulheres negras, pois o empoderamento dá esse poder a mulher de ser quem ela quer ou usar o que quer, sem precisar odiar algo que faz parte da sua identidade. O conceito pode ser explicado quando Violet diz: *“Mulheres podem usar perucas, se quiserem. Podem alisar o cabelo, se quiserem. É uma escolha. Não há nada de errado nisso. Mas precisamos saber que nosso cabelo natural é bonito.”*

Essa é a segunda fase do empoderamento, que ainda de acordo com Berth, após passar pela individualidade deve-se amparar no bem social e coletivo.

Seria estimular, em algum nível, a autoaceitação das suas características culturais e estéticas herdadas pela ancestralidade que lhe é inerente para que possa, devidamente munida de informações e novas percepções críticas sobre si mesmo e sobre o mundo que o cerca, e ainda, de suas habilidades e características próprias, criar ou descobrir em si mesmo ferramentas ou poderes de atuação no meio em que vive e em prol da coletividade. (BERTH, 2018, p.4)

E Violet consegue entender esse conceito grupal, quando no final do filme diz: *“Mudar o mundo? Uma cabeça por vez”*.

6 CONCLUSÃO

Falar sobre a vida do homem negro ou da mulher negra em uma sociedade que usa parâmetros baseados no mito da democracia racial é difícil, pois muitos negros não reconhecem ou ainda não percebem o quanto esse sistema é opressor. Então este método é estruturado em fazer o negro odiar o outro da mesma raça, se odiar por não ter características e ainda achar que é branco.

O silenciamento do negro foi construído na escravidão e ainda possuem reflexos na atualidade. Há falta de respeito, representatividade e empatia por um povo tão importante para a nação, não pensando somente no economicamente, mas por um pensamento que a população negra tem sua cultura e sua identidade, que não devem ser apagados.

O filme consegue transmitir uma mensagem brilhante e reflexiva que envolve todas as mulheres, mas principalmente, mulheres negras que se submetem ao molde da perfeição e o ideal do branco. A produção cinematográfica mostra o quanto o racismo é exercido na maioria dos casos, sutilmente; depois aborda uma reflexão sobre o que você irá fazer após essa nova descoberta: permitir o silêncio das pessoas para com você ou aceitar quem de fato é. E, por fim, demonstra que a capacidade dessa luta por você pode auxiliar outras mulheres negras que estão no mesmo processo.

O estudo ainda aponta que essa incansável busca pela perfeição traz grandes consequências negativas, mas essa aceitação nunca é somente algo estético, pois esse processo primeiramente é algo interno e depois é exteriorizado. O empoderamento estético não é somente um sinônimo de amor próprio e sim, um posicionamento político ao assumir o amor pelo cabelo crespo ou cacheado e dizer não ao racismo.

Compreender também que os meios de comunicação exercem muitas das vezes um papel de influenciador, levanta a questão que ainda é preciso debater esse tipo de tema em toda esferas, começando justamente na infância e o reforço no período escolar. Na fase adulta, não permitir que esses conteúdos ainda oprimam de alguma forma, então este filme deve ser visto pelo máximo de pessoas, negras ou brancas, mulheres ou homens, pois só assim poderemos construir uma reflexão acertiva.

O negro e a mulher negra precisa enxergar o quanto são belos, fortes e podem exercer um papel positivo e determinante na vida de outros negros. E através desse trabalho pude conhecer dois projetos em minha cidade interior que falam sobre mulheres negras. Um deles é o de uma fotógrafa que através das fotos, exaltam a beleza negra de mulheres que assumiram os cabelos naturais e também a identidade negra. O outro projeto é de uma psicóloga que

reúne mulheres negras em reuniões feitas durante o ano para debater assuntos sobre empoderamento, racismo, a solidão da mulher negra e etc.

E apesar dos resultados terem mostrado que o empoderamento feminino é benéfico, novos estudos seriam interessantes como forma de obter o viés de pesquisas qualitativas afim de conhecer ainda mais sobre esse universo. Ao invés da análise fílmica, poderiam ser elaborados questionários e entrevistas com mulheres negras reais, visto que podemos considerar o cinema como uma representação próxima da realidade.

REFERÊNCIAS

- BARROS, José D'Assunção. **Cinema- histórico: múltiplos aspectos de uma relação.** Belo Horizonte/MG, 2014.
- BARROS, Luiza. **Pela primeira vez no Brasil, buscas no Google por cabelo cacheado supera as por cabelo liso.** 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/ela/beleza/pela-primeira-vez-no-brasil-buscas-no-google-por-cabelo-cacheado-superam-as-por-cabelo-liso-21683014>>; Acesso em: 26 set. 2018.
- BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte/MG. LETRAMENTO, 2008.
- BORGES, Edson. **Racismo, preconceito e intolerância.** São Paulo/SP. ATUAL. 2002.
- FELIX, Sayara de Brito. **Cabelo bom. Cabelo ruim:** a construção da identidade afrodescendente na sala de aula. REVISTA AFRICA E AFRICANIDADES, 2010.
- GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** São Paulo/SP: USP, 2002.
- HOOKS, Bell. **Alisando o nosso cabelo.** Cuba: Revista Gazeta de Cuba- Unión de escritores y artista de Cuba, jan./fev/, 2005. Tradução de: Lia Maria dos Santos.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em Comunicação.** São Paulo/SP: EDIÇÕES LOYOLA, 2005.
- MALACHIAS, Rosangela. **Cabelo bom. Cabelo ruim.** Coleção Percepções da Diferença, v. 4, 2007.
- SANTOS, Natália Neres da Silva. **Ideologia do branqueamento, ideologia da democracia racial e as políticas públicas direcionadas ao negro brasileiro.** Maringá/PR. Revista Urutágua, 2009.
- SILVA, Mozart Linhares da. **Biopolítica, Educação e Eugenia no Brasil.** São Paulo/SP: In Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, 2014.
- SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro:** as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro/RJ: EDIÇÕES GRAAL, 1983.
- SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil africano.** São Paulo/SP: ÁTICA, 2007.
- VAUGHAN, Patrícia Anne. **A imagem americana de beleza física e as mudanças provocadas pelo “BlackPower” na década de 60.** REVISTA LETRAS, 2000.

